

## AMATORIOS, EM ASFALTO SELVAGEM DE NELSON RODRIGUES

### AMATORIOS, ON WILD ASPHALT BY NELSON RODRIGUES

Elizandra Nazário Silva Sávio<sup>1</sup>

**Resumo:** O elã em investigar as intrínsecas relações que envolvem os relacionamentos humanos, enredadas pela linha tênue da pulsão erótica, e seus desdobramentos em memórias traumáticas, que nos envolvem, em contextos familiares e sociais. O escrutinar da formação de fantasias denudas e soterradas, nos porões da inconsciência feminina, que são expostas por Nelson Rodrigues em Asfalto Selvagem, Engraçadinha, seus amores e seus pecados, representas nas personagens Engraçadinha e Letícia, serão nossos propósitos. Utilizamos metodologia explicativa, com abordagem qualitativa.

**Palavras-chave:** Literatura, erotismo e memória traumática.

**Abstract:** The desire to investigate the intrinsic relationships that involve human relationships, entangled by the fine line of erotic drive, and its consequences in traumatic memories, which involve us, in family and social contexts. The scrutinization of the formation of naked and buried fantasies, in the basements of female unconsciousness, which are exposed by Nelson Rodrigues in Asfalto Selvagem, Engraçadinha, his loves and his sins, represented in the characters Engraçadinha and Letícia, will be our purposes. We use explanatory methodology, with a qualitative approach.

**Keywords:** Literature, eroticism and traumatic memory.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Linguagem, pela Universidade do Sul de Santa Catarina; Professora de Língua Portuguesa & Literatura Brasileira, no estado de Santa Catarina

## Introdução

O estudo desenvolvido, objetiva analisar as relações entre literatura, memória e psicanálise, a fim de enredar correlações entre os estudos em torno da memória e os fatos apresentados na obra em questão. Utilizaremos os registros de Freud sobre aos princípios de construção do desejo, outrossim a formulação das fantasias, em personagens femininas, a fim de comprovar que consoante a formação erótica, as personalidades desencadeiam comportamentos, nem sempre aceitos pelo meio social, porém sempre justificável e até saudável, em relação ao próprio psiquismo.

Em *Asfalto Selvagem*, detectamos que quando as personagens não conseguem um escoadouro, para os traumas buscam na investigação da memória as causas, as quais as levaram a desenvolver suas chagas afetivas. Abordaremos aqui a memória das personagens: Engraçadinha, Letícia e Sirlei.

A análise do romance rodrigueano terá a pretensão de tentar investigar os diversos revezes representativos, que os tipos sociais assumem, em personalidades tidas como bons membros sociais e, que na intimidade desenvolvem práticas deveras alheias a suas representações.

Embora o romance *Asfalto Selvagem*, por ser romance folhetinesco, decaia sobre o crivo severo dos críticos conservadores, pois avaliam tal arte como literatura de consumo, e ainda segundo a crítica não apresentam muita relação com a vida como ela é, sendo assim uma fase menos prestigiosas de Nelson Rodrigues, encontramos também nas obras folhetinescas notas marcantes de verossimilhanças literárias. (EAGLETON, 2001, p. 1) A distinção entre “fato” e “ficção”, portanto, não nos parece ser muito útil, e uma das razões para isto é a de que a própria distinção é muitas vezes questionável.

*Asfalto Selvagem*, enquanto romance folhetim, precisava manter o leitor vivo a cada clímax de capítulo, embora haja um conflito central que envolve a narrativa e construção das personagens femininas, que compõe o texto, Rodrigues utiliza-se de estruturas verossímeis, na desenvoltura do “Belo Padronizado”. A capacidade de envolvimento afetivo caracteriza o romance como texto de sondagem psicológica, denunciando os grilhões, que aprisionam o desejo de autoafirmação feminino.

Ler e analisar romances de sondagem psicológica justifica-se pela a necessidade instintivas, que todos temos de aliviar nossas tensões, de transformar em entendimento aquilo nos parece confuso. Escritores e leitores ressignificam uma obra utilizando-se também do inconsciente, relacionando as suas memórias às reveladas pelas personagens.

Para tanto utilizaremos metodologia bibliográfica, com método hipotético- dedutivo e abordagem qualitativa.

### **Desejo e Fantasia, em Personas Femininas**

Abordaremos aqui o comportamento feminino das protagonistas: Engraçadinha, Leticia e Sirlei, suas pulsões inconscientes, a origem de seus desejos e de suas consequentes fantasias eróticas, as quais impulsionaram a formação de uma memória traumática.

Para Freud (2021), o desejo é uma pulsão que busca reviver uma experiência de prazer. Sílvio, irmão de Engraçadinha, criado como primo e apaixonado por ela, a pesar de fugir da protagonista, em vários momentos demonstra desconforto por Engraçadinha tê-lo seduzido. Atravessado pelos ideários machistas, não aceita o fato de ela o ter “dominado”, porém sozinho consigo, as memórias do momento da sedução o encham de deleite. “Lembrou-se do momento em que abriera a porta e vira aquela nudez espantosa. Sentiu que se fixasse a imaginação, o desejo ia romper novamente de não sei que profundezas. Fecha os olhos e soluça.” (Rodrigues 2021, p.: 53). No romance, Rodrigues contextualiza suas personagens em ambientes coletivos familiares, configurando assim as memórias afetivas. Na segunda parte do romance, as personagens lembram de suas vivências, sempre a partir de seus sentimentos de gozo ou de trauma, resgatam flashes inconscientes, sem nitidez exata de fatos e fazem relação contínua com os fatos atuais. As memórias são construídas por meio do inconsciente. “(...) a estrutura da memória se aproxima do inconsciente, no qual aquela distinção clara também não existe.” (ASSMAN 2011, p. 233)

ASSMAN (2011) escreve que a referência do passado não se dá de forma única, em momento

algun; mais que isto, chega-se a uma estrutura sempre mais complexa de superposições e de entrecruzamentos de diferentes planos da memória: o plano dos objetos remanescente, do vestígio e do lixo. São em recipientes internos e obscuros que escondemos aquilo que o social julga ser inadequado a nossa conduta. É no não dito que encontramos a força dos sentimentos que a memória registrou.

Desde a infância, Engraçadinha e Sílvio estiveram juntos, moravam na mesma casa como irmãos, brincavam juntos e ela se imaginava sua namorada. A protagonista afirma amá-lo, ainda quando menina e somente aos dezoito anos teve coragem de revelar seus sentimentos. No quadro familiar os laços afetivos se formularam e ganharam referentes amorosos, assim a referência afetiva para a protagonista permanece, durante toda a sua trajetória, no emaranhado do quadro familiar infantil. “Admitamos que a criança se recorde do fato a imagem está situada no quadro de referência.” (Halbwachs 2006 p.:44).

Como cresceu sem mãe, sem orientação afetiva e até mesmo sem o carinho do pai, Engraçadinha desencadeia uma forma de conquista não lapidada, em consonância a sua formação afetiva. Na casa de Dr. Arnaldo, o pai mal a via, as tias já idosas não se envolviam com ela. Era noiva de Zózimo, pois ele ajudava nas despesas da casa. Leticia era entendida como a prima invejosa. Sílvio era o único que a desprendia uma atenção mais saudável e foi por ele que ela se apaixonou. Em consonância com a teoria de Halbwachs embora fisicamente, a criança esteja em volta a membros familiares, nem sempre os adultos da família ficam sabendo dos fatos vivenciados pelos pequenos e por tanto os menores acabam crescendo sem orientação.

“A família é o grupo do qual a criança participa mais intimamente nessa época de sua vida e está sempre à sua volta. Acontece que se a criança sai desse grupo. Ela não vê os pais, e pode parecer que eles também não estejam presentes em seu espírito. De qualquer modo, eles em nada intervêm na história, pois sequer serão dela informados, ou a ela não atribuirão importância suficiente, para conservar sua lembrança para mais tarde contá-la ao que foi seu protagonista.” (Halbwachs 2006p.: 45)

Sílvio era noivo de Leticia e assusta-se com a sedução de Engraçadinha, mas mesmo negan-

do seus desejos, à noite sozinho, em seu quarto o rapaz é frequentemente invadido pelas memórias e por fantasias. Sai escondido descalço até o quarto da prima, para reviver o fato que o envolvera. “Nunca mais! (...) pouco depois empurrava a porta do quarto da prima.” (Rodrigues 2021, p.: 56) Nos estudos desenvolvidos por Sigmund lê-se conceitos em torno de desejo e de querer. Para o fundador da Psicanálise o desejo emerge do inconsciente e se revela por meio de fantasias (memórias), tais fenômenos nos afetam desde que somos bebês. Freud (2021) escreve que um bebê sente prazer em ser alimentado, posteriormente sente prazer na troca de fraudas. Seguimos assim, a cada satisfação buscamos o reencontro com o prazer. Um reencontro que quase sempre habita o nosso universo de silêncios, “(...) um mundo inédito, secreto e emudecido.” (ASSSMAN 2011, p.: 231)

(MATTOS FERREIRA, 2021) registra que a tentativa desde reencontro, Freud vai chamar de desejo. Em consonância com a intensidade do desejo, construímos narrativas, imaginamos cenas e por vezes recriamos sensações, a essa tentativa Freud chama de fantasia. Como pilar da obra em análise, percebe-se as investigações psicológicas. Rodrigues traz o monólogo interno contrastando de forma antagônica com o diálogo que as personagens expressam.

A exemplo do seguinte fato descrito, no consultório do ginecologista, Engraçadinha pergunta ao médico se uma mulher pode amar dois ao mesmo tempo. O médico pensa que sim, mas se sente na obrigação de responder em consonância com os ideários burgueses.

“Com uma vergonha mesclada de asco ele responde: - A mulher só pode amar um por vez.” Ao mesmo tempo que dizia isto teve ódio de si mesmo. Gostaria de responder aos berros: ‘Ame. A mulher séria é a que ama. (...) A mulher que não ama acaba apodrecendo. Não amar é apodrecer’”. (Rodrigues 2021, p.: 133)

A construção do impulso de desejo e o desdobramento da formação da fantasia ocorrem desde o desenvolvimento do indivíduo. Todos os seres, por conta da repressão moral estão fadados às necessidades de fantasias, as quais influenciarão suas memórias, em especial as mulheres, por sofrerem maior recalque social, por conta do machismo. “O desenvolvimento da menina até a mulher

normal é o mais difícil e o mais complicado.” (Freud, p.: 319, 2021)

Engraçadinha é maltratada até pelo próprio pai. Apesar de Arnaldo referir-se a filha sempre com aparente doçura, a descrição de seus pensamentos revela o oposto.

“De longa data, era de parecer que a mulher entende mais o grito, entende mais a ameaça do que o raciocínio, o argumento, o fato. Todas gostam de sofrer na carne o espasmo do medo.” (Rodrigues 2021, p.: 83)

O romance em estudo apresenta a descrição do pensamento da maioria das personagens repleta de fantasias. Descrições de desejos impulsivos, que arrastam para as atitudes mais sorradeiras. Quanto maior a fantasia, tanto maior a discrição para realizá-la e maior ainda a dissimulação assumida pelas personalidades, a fim de proteger suas memórias do crivo social.

Engraçadinha alimenta fantasias que envolvem o “primo” Silvio. Fantasias eróticas. Luta para conquistá-lo, numa tentativa alucinada de levá-lo a casar-se com ela. “Afunda a cara na fronha. Então, Engraçadinha fala junto de seu ouvido: - Casa comigo?” (Rodrigues 2021, p.: 56)

É Engraçadinha que constrói em torno de Silvio a sedução. As personagens femininas do romance aparecem como protagonistas, perante as suas narrativas. São elas que são articuladoras das afetividades e apresentam discernimento, para exercer certo controle dos fatos que as envolvem. “A menininha é mais inteligente e vivaz que o menino da mesma idade, ao mesmo tempo faz investimentos mais intensos de objetos.” (Freud, p. 320, 2021).

Perante todo o descaso afetivo familiar, Engraçadinha almeja a companhia do único ser que lhe despertara afeto vivo, Sílvio, apesar de saber que a família e a sociedade seriam contra a união de ambos, caracterizando uma percepção sensível e distanciando-se do pensamento social.

“Assim, na base de qualquer lembrança haveria o chamamento a um estado de consciência puramente individual que chamamos de intuição sensível — para distingui-lo das percepções em que entram alguns elementos do pensamento social.” (Halabwachs 2006, p. 42)

Letícia, prima de Engraçadinha, melhor amiga e companheira, é uma das personagens mais marcantes dos romances rodrigueanos. Por meio da construção de sua personalidade, autor apresenta a formação das fantasias homoafetivas.

Em *Asfalto Selvagem*, Engraçadinha e Letícia confrontam várias vezes com experiências compartilhadas, outrossim recordadas distintamente. Letícia apresenta sentimentos homoafetivos. Tem a memória das “brincadeiras de casal”, em que era sempre o homem e Engraçadinha a mulher, doravante passou a desejar a prima. “Você me chamava para brincar de namorado. - Fala sério: - Não chamava? Chamava. Dizia pra mim: “- Você é o homem!”. E eu era o homem a gente se beijava, não é?” (Rodrigues 2021, p. 98). Em diversos momentos da narrativa ambas personagens dialogam entre si, buscando conectar fatos de memórias, para tantos os testemunhos de cada uma são relatados. Elas confrontam lembranças, uma para defender a inocência de infância, outra para justificar a homossexualidade. Conforme a pesquisa de Halbwachs o testemunho é sempre um elemento que invocamos, para tentar confirmar as nossas memórias.

“Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios.” (Halbwachs 2006, p. 51)

Assim a declaração de Letícia vem recrutar o testemunho de Engraçadinha, para justificar seus sentimentos. As memórias dos fatos vividos por ambas dão a Letícia a esperança de ser correspondida.

As fantasias de Letícia desdobraram-se em memórias homoafetivas e determinaram seu gênero, na vida adulta. Halbwachs considera a inserção familiar decisiva para a formação do afetivo, entende que mesmo na vida adulta, nossas crianças permanecem no quadro familiar que nos constitui. “Admitamos que a criança se lembre: é no quadro da família que a imagem se situa, porque desde o início ela estava ali inserida e dela jamais saiu”. (Halbwachs 2006, p. 39).

Já Engraçadinha guardava os fatos como simples brincadeiras. Ela jamais levava a sério aqueles “(...) beijos tão leves, tão doces, quase imperceptíveis, que não molhavam e não mordiam.” (Rodrigues 2021, p. 98). Recebeu tudo com espanto e com horror. Tinha memórias diferentes das memórias da prima, embora ambas tivessem vivido os mesmos fatos, embora ambas fossem testemunhas dos mesmos acontecimentos. “Esta não é Letícia.” (Rodrigues 2021, p. 98). São os sentimentos que cada uma desencadeia por meio da interpretação, que influenciam nos referentes de memórias de cada uma. Halwachs entende que a memória pessoal somente ocorre com o imbricamento da interpretação. “(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. (Halwachs 2006, p. 51).

Por ser reprimida social e familiarmente, resta à protagonista os porões da memória, para salvar o lúdico erótico da sua puberdade, tentando libertar-se das algemas da sexualidade moral, que aprisionam a grande maioria das mulheres, a protagonista deleita-se em diversas fantasias, relacionadas ao rapaz, que conhece desde a infância, Sílvio. Somente depois de ser revelado que eram irmãos e não primos e que Sílvio se auto mutila, castrando-se e em seguida o pai Arnaldo comete suicídio, é que as fantasias doces transformam-se em vozes lúgubres, as quais impulsionaram as memórias traumáticas.

As fantasias desenvolveram um comportamento compulsivo, em sua forma derradeira apresentaram como desenlace, uma tragédia familiar, assim desencadeando elementos histéricos. No dia do velório e do enterro do pai, Engraçadinha chora compulsivamente, mas não pelo pai morto, que a ignorara e escondera dela que Sílvio era seu irmão. Chorava descontroladamente de forma histérica, pela sua juventude perdida, por Sílvio mutilado e quase morto. “Ela, porém, não chorava pelo pai. Chorava por Sílvio pela mutilação. (Rodrigues 2021, p.: 170) “Os sintomas histéricos são produzidos pelas fantasias inconscientes.” (Mattos Ferreira, p.: 153, 2021).

## Trauma & Memor

Buscaremos aqui investigar os elementos que constituem os fatos considerados traumáticos,

os quais vem desencadear uma memória triste a respeito de lembranças consideradas dolorosas. Nas obras de Nelson Rodrigues, a investigação psicológica das personagens está relacionada às questões que envolvem sedução, elencando protagonistas que amam a própria nudez.

As relações afetivas são enredadas em conflitos passionais, que desencadeiam traumas e assim, por meio das memórias traumáticas, as personalidades transformam suas interpretações, suas escolhas e suas atitudes. Utilizaremos os conceitos de trauma desenvolvido por Freud e aplicado por Assman, em seus estudos sobre memória “Trauma aqui é entendido como uma inscrição corporal, que permanece inacessível à transcodificação em linguagem e reflexão (...)” (Assman 2011 p. 289).

Entendemos como inscrição corporal, as linguagens eróticas e afetivas que embricam o indivíduo, ao meio familiar e social.

Letícia, embora noiva de Sílvio, sente-se atraída pela prima, vivendo uma situação de inversão sexual. A paixão pela prima a envolve com fantasias frequentes, porém apenas na vida adulta, Letícia consegue erguer imponente a cabeça, perante seus sentimentos e os assumir. Enquanto jovem, Letícia não ousa revelar o que sente, pois acreditava que Sílvio lhe era superior, física e socialmente, caracterizando o complexo de castração, um dos desdobramentos de uma sociedade machista. “Uma mulher que reconhece o fato de sua castração, reconhece também a superioridade do homem.” (Freud, p. 291, 2021).

Com a declaração feita à prima, Letícia enfrenta seu complexo, porém perde a amizade de Engraçadinha, a qual passa a vê-la como uma “tarada”, sente nojo e repulsa. Os sentimentos de Engraçadinha causam a Letícia a dor de ser vista como uma anormal, uma imoral.

“- Eu te peço perdão! Não faço mais e... Foi dura:  
Não! Você não merece perdão! Se tivesse a tara e a guardasse para si, vá lá!  
Mas dizer, confessar e, ainda por cima, me dá um beijo de homem, ah, não!  
Não falo mais contigo. Isto é tara!  
Não é tara! É amor!” (Rodrigues 2021, p. 99)

Com a desprezo da prima, Letícia passa a sofrer com a rejeição, mas não desiste de tentar

provar a Engraçadinha que sentimentos eram puros e verdadeiros. “-Não fala mais comigo? - Sua burra! Está pensando que alguém gosta mais de você do que eu gosto? Teu pai te deu uma surra. Sílvio tem medo de ti! – Eu não” (Rodrigues 2021, p. 99)

Letícia reaparece na segunda parte do livro e continua a tentar provar seu amor. Engraçadinha sempre a considerou uma tarada. Sem ter o carinho da prima de volta, Letícia busca o suicídio.

Pensamentos e sentimentos distintos a respeito dos mesmos fatos reaparecem na segunda metade do livro. Sempre com relatos de memórias com cunho antagônico.

O fato de dois pensamentos, uma vez comparados, parecerem reforçar um ao outro por contrastarem entre si e acreditarmos formarem um todo que existe por si, independentemente dos conjuntos de onde são tirados, não percebemos que na realidade estamos levando em conta os dois grupos ao mesmo tempo — mas cada um do ponto de vista do outro. (HALBWACHS 2006, p. 59)

Rodrigues apresenta a memória das personagens repleta de desejos impulsivos, que arrastam para atitudes sorrateiras, em busca do resgate de prazer imaculado pelas lembranças. Quanto mais intenso o afeto vivido, tanto maior a discrição para rememorar-lo, a fim de proteger a verdadeira memória do crivo social. Com frequências as personagens se isolam e buscam nas memórias de desejos, a fuga da repressão social. Desencadeiam um comportamento evasivo, um mundo paralelo, quase que onírico, onde só há lugar para a idealização amorosa. Percebemos que são nestas memórias consideradas inadequadas ao meio social, que fatos e sentimentos escondidos nos porões de nosso ser, no nosso “lixo” afetivo, que o verdadeiro “eu”, se faz e refaz. “... o lixo é um suporte confiável de uma memória.” (Assman 2011, p. 231)

Engraçadinha adulta retoma as memórias significativas dos traumas vividos pela família. Já depois dos trinta anos, morando no Rio de Janeiro e esposa de Zózimo retoma com as memórias de suas experiências familiares quase como uma tentativa de proteger seus filhos das mesmas pisadelas as quais ela fora assujeitada. Seu filho mais velho – Durval- já moço, com características do pai, Sílvio desenvolve uma espécie de cuidados excessivos com a irmã caçula, Sirlei. Ambos em ambiente

doméstico, trocam olhares envolventes, que levam a mãe temer a repetição da tragédia familiar vivenciada, por ela e pelos seus. O amor incestuoso, o suicídio do pai e do namorado, a gravidez precoce e o casamento sem amor com Zózimo. É no meio social e familiar que se constituem as memórias afetivas e por meio das memórias que se busca analisar o momento presente. Para Maurice Halbwachs (1950), (...) é nas relações do indivíduo com o meio que sua memória se constitui.”

A filha da protagonista, Sirlei, apresenta características comportamentais parecidas com as da mãe, é cheia de autoestima, mas já incluída em outra geração, não sofre os mesmos recalques. O namorado é um rapaz que ela mesma escolhera, alguém que se encanta com seus carinhos e sua beleza. É entendida como uma menina feliz e encantada com a vida.

Ao contrário da mãe que, em outro momento histórico, era interpretada pelo namorado como uma pessoa vulgar, pois na época as mulheres não podiam manifestar seus sentimentos e seus desejos. As mulheres que ousavam demonstrar erotismo eram menosprezadas pela família e pela sociedade. Sílvia assustava-se com as iniciativas de carinhos de Engraçadinha. “É uma prostituta! Uma vagabunda! E já lhe parecia que nenhuma mulher trai por amor ou desamor. O que há é o apelo milenar, a nostalgia da prostituta que existe ainda na mais pura.” (Rodrigues 2021, p. 53)

As memórias de Engraçadinha são sempre presente em sua vida adulta e, regem seus princípios pessoais e suas regras familiares. Sua memória traumática em torno do triste romance com Sílvia a fere diariamente. O desejo e os sonhos em torno dele ficaram na juventude e deram desdobramento a uma ferida, que jamais cicatrizara. Enquanto mãe de família, seu trauma influencia as percepções dela em relação aos filhos. O corpo da protagonista fica atravessado pelas lembranças do passado e pelas percepções do presente. Observa os filhos em casa, o afeto entre eles, as cumplicidades, o senso de admiração entre os irmãos e diariamente se recorda dela mesma e de Sílvia. Bergson discorre sobre o quão influenciados somos pelas nossas lembranças. “Nossas percepções estão certamente impregnadas de lembranças, e inversamente uma lembrança, não se faz presente a não ser tomando emprestado o corpo de alguma percepção onde se insere.” (Bergson 1990, p.50).

Dentre todos os traumas vividos pelas personagens o mais marcante, foi a autocastração de

Sílvio. A auto punição por ter se apaixonado pela meia irmã. Engraçadinha vira o fato acontecer e, as imagens ficaram em sua mente, gerando a memória traumática central da obra.

“E, agora, tinha a sensação de que subitamente perdera o dom de amar. Desde que Sílvio mutilara-se, tornar-se uma pobre sem imaginação, nem voluptuosidade. Seu sonho agora era triste (...) ‘Ah! O medo de ser fria, o medo de ser possuída e ter ódio do amor!’” (Rodrigues 2021. p. 175)

O romance todo é desenvolvido em torno da memória traumática da protagonista, sua relação de distanciamento dos padrões de amor da juventude, são a maneira mais prática, para evitar um novo trauma. “(...) auto relação de distância — constitutiva para as recordações é capaz de possibilitar o encontro do indivíduo consigo mesmo, em um monólogo autoconsciente (Bergson 1990, p. 53)

Os flashes da memória traumática a perseguem, tornando-a apática, como se ela também tivesse sido mutilada afetivamente.

## Considerações

Reprimidas, resta às personagens os porões da memória, para salvar o lúdico erótico, acreditam guardar pensamentos, os quais julgam íntimos. Maurice Halbwachs (2006) escreve que com muita frequência atribuímos memórias a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma, senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo.

Em consonância, deferimos que embora as personas acreditem, que suas memórias pertençam apenas a si, elas só são possíveis no composto coletivo do âmbito familiar e social.

O triângulo amoroso que envolve Sílvio, Leticia e Engraçadinha revela a construção do desejo e das fantasias das personagens femininas, em torno do objeto de desejo. Determinadas fantasias encontram-se impossibilitadas de serem realizadas, devido às repressões sociais, caracterizando um desfecho de decepções. “O amor não tem meta é incapaz de uma satisfação plena e por isso está con-

denado a terminar em decepção e a dar lugar a uma posição hostil.” (Freud, p.:93, 2021).

Embora as personagens femininas consigam enredar seus objetos de desejos com mais facilidade do que personagens masculinas percebemos que, na maioria das vezes a projeção de desejo e de fantasia se dá sem uma finalidade em especial, logo temos um romance fora do happy end clássico. “Todos os afetos, para Freud podem ser transformados em angústia” (Matos Ferreira, p.: 144, 2021).

Observamos que assim como as fantasias e os desejos considerados inadequados são empurrados, para o nosso “lixo” interno, as memórias traumáticas também passam a habitar, no mesmo ambiente, pois temos a fatal necessidade da aprovação social, na qual, na grande maioria das vezes nossas fraquezas e limitações “nosso lixo” não convém revelar.

## Referências

ASSMANN, A. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

EAGLETON, Terry. Teoria da Literatura: uma introdução. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

FERREIRA, Carlos Alberto de Mattos. Freud e a fantasia: os filtros do desejo. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2021.

FREUD, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Freud: Ensaio sobre a teoria da Sexualidade. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

LAPLANCHE e PONTALIS. Vocabulário da psicanálise. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2006.

RODRIGUES, Nelson. Asfalto Selvagem: Engraçadinha seus amores e seus pecados. Rio de Janeiro,

RJ: Harper Collins, 2021.

